

TEXTO DE BERT HELLINGER

Bert Hellinger...

Nascido em 1925, estudou filosofia, teologia e pedagogia. Sua formação religiosa levou-o depois a ingressar em uma ordem religiosa católica. Mais tarde trabalhou como missionário na África do Sul. No início dos anos 70 deixou a ordem religiosa católica dedicando-se então à psicoterapia.

Através da dinâmica de grupo, da terapia primal, da análise transacional e de diversos métodos hipnoterapêuticos chegou à sua própria terapia sistêmica e familiar.

Autor de best-sellers na Alemanha, possui mais de 14 livros em sua bagagem. "A Simetria Oculta do Amor" foi o primeiro livro a ser publicado no Brasil. Entre as suas atividades atuais está o seu trabalho com os sobreviventes do holocausto e suas famílias.

Bert Hellinger redescobriu durante o seu trabalho com centenas de sistemas familiares que o reconhecimento do amor que existe no seio das famílias comove as pessoas e muda suas vidas. Porque um amor rompido em gerações anteriores pode causar sofrimentos aos membros posteriores de uma família, o processo de cura exige que os primeiros sejam lembrados. Nos seus workshops os participantes observam, representam pessoas de outras constelações familiares ou exploram suas próprias dinâmicas familiares ajudando Hellinger a demonstrar como o amor, mesmo se injuriado ou mal-direcionado pode ser transformado em uma força que cura.

Hellinger é inabalável em sua serena compaixão durante o seu trabalho com indivíduos, casais ou famílias que enfrentam situações difíceis. Terapeutas experientes apreciam a efetividade de seu método e seus resultados. Frequentemente os participantes de seus workshops partem com uma profunda compreensão de si mesmos, o poder do amor e as forças que governam os relacionamentos humanos.

Bert Hellinger vive hoje com sua esposa na Alemanha, no sudeste da Baviera, perto da fronteira austríaca.

Algumas idéias básicas sobre o desenvolvimento da abordagem de Bert Hellinger:

Em julho de 1999 Bert Hellinger descreveu em tópicos a sua abordagem e seu respectivo desenvolvimento.

1. A idéia de Eric Berne de que existem scripts pessoais segundo os quais uma pessoa organiza inconscientemente a sua vida teve um papel muito importante para mim. Berne acreditava que isso vinha das instruções recebidas dos pais na infância. Eu vi que isto tem a ver com emaranhamentos nos destinos de outros membros da família, frequentemente em uma ou duas gerações anteriores.
2. Já durante o meu trabalho prático de muitos anos com a terapia primal pude observar que muitos sentimentos, também os violentos, nada tinham a ver com a vivência pessoal. Tornou-se evidente para mim que são sentimentos frequentemente assumidos através de uma identificação com uma outra pessoa.
3. Além disso, vivenciei sempre que a consciência que sentimos tem funções que conservam o sistema. Trata-se, em especial, do vínculo ao grupo, da regulamentação do intercâmbio através da necessidade de equiparação entre o dar e o receber, das vantagens e perdas e a imposição das normas do grupo.
4. Mais ainda. Existe uma consciência inconsciente que liga os membros de um sistema e impõe dentro dele as seguintes ordens ou leis:

- a. Cada membro da família e estirpe tem o mesmo direito de pertinência, também os que faleceram precocemente ou os natimortos, assim como os deficientes e os maus.
 - b. A perda de um membro através da exclusão ou esquecimento será compensada por um outro membro da família. Frequentemente em uma geração posterior este representa ou imita inconscientemente aquele que foi excluído ou esquecido.
 - c. Vantagens às custas de outrem serão compensadas muitas vezes somente em uma geração posterior.
 - d. Os membros anteriores têm precedência sobre os posteriores . Por isso quando um membro posterior se eleva sobre um anterior ele paga muitas vezes através do fracasso ou queda.
5. Finalmente, existem muitas indicações que os mortos atuam sobre os vivos , ou de um modo maléfico, se são excluídos ou temidos, ou de modo benéfico, se são chorados, honrados e depois deixados em paz.

A Constelação Familiar como a entendo e pratico, traz então à luz, no sentido das idéias básicas aqui apresentadas, onde estamos emaranhados e quais são os passos que conduzem ao desenredamento e solução. Todos estes passos têm a ver com o respeito pelos outros. Os assassinos são uma exceção. Devemos deixá-los partir do sistema para que possam juntar-se às suas vítimas. Ali eles encontram a paz.

Constelações Familiares - Visão geral

Resumo da história do trabalho com as Constelações Familiares

O trabalho com as Constelações Familiares "segundo Hellinger" em sua forma atual foi desenvolvido nos últimos 15 anos por Bert Hellinger. Baseia-se no pensamento sistêmico que teve seu início com Gregory Bateson nos últimos 30 anos e que já foi colocado em prática e desenvolvido por outros terapeutas.

Para o tratamento terapêutico de um cliente é, portanto, necessário que sua família, o sistema em que está conectado seja levado em consideração. Em psicodramas, o psiquiatra americano de ascendência rumena Jakob Moreno descobriu através do teatro o significado das ligações sociais de seus clientes. Reconheceu que os problemas e distúrbios psíquicos de um ser humano têm relação com o seu ambiente. Da americana Virginia Satir, assistente social em Palo Alto provém a reconstrução familiar e a escultura familiar (entretanto não é idêntica à Constelação Familiar segundo Hellinger). Todos os membros da família trabalham em conjunto a sua ligação à cadeia das gerações e como podem se libertar dos encargos assumidos da família.

Impulsos importantes provém também do trabalho de Ivan Bosyomenyi-Nagy que derivam do pensamento de Martin Buber e acentua o equilíbrio necessário entre o dar e o receber nos relacionamentos humanos.

Pararelamente a estas evoluções Bert Hellinger trabalha com cada um dos clientes e sua imagem interna da família como esta se apresenta nas percepções dos representantes que foram colocados nas constelações familiares. Bert Hellinger designa a postura fundamental e o procedimento terapêutico que se desenvolve a partir daí como fenomenológico.

A realidade profundamente comvente deste trabalho pode ser apreendida apenas através da própria participação em uma constelação familiar.

Bert Hellinger descreve seu método de trabalho:

Constelações Familiares segundo Bert Hellinger
O Trabalho com as Constelações Familiares -
Uma introdução de Bert Hellinger

O caminho do conhecimento

Dois movimentos nos levam ao conhecimento. O primeiro se estende e quer abarcar algo até então desconhecido para dele se apropriar e dele dispor. O esforço científico pertence a esse tipo e sabemos quanto ele transformou, assegurou e enriqueceu o nosso mundo e a nossa vida. O segundo movimento se origina quando nos detemos, durante nosso esforço em abarcar o desconhecido, e dirigimos o olhar, não mais para um determinado objeto palpável, mas para um todo. Assim, o olhar está disposto a receber, simultaneamente, a diversidade que se encontra à sua frente. Quando nos deixamos levar por esse movimento, por exemplo, diante de uma paisagem, uma tarefa ou um problema, notamos como nosso olhar fica, ao mesmo tempo, pleno e vazio. Pois só podemos nos expor à plenitude e suportá-la, quando prescindimos primeiramente dos detalhes.

Assim, detemo-nos em nosso movimento exploratório e nos retraímos um pouco, até atingirmos aquele vazio que pode resistir à plenitude e à diversidade. Esse movimento, que primeiramente se detém e depois se retrai, chamo de fenomenológico. Ele nos conduz a conhecimentos distintos daqueles obtidos pelo movimento do conhecimento exploratório. Contudo, ambos se completam. Pois também no movimento do conhecimento científico exploratório precisamos, às vezes, deter-nos e dirigir nosso olhar, do estreito ao amplo, do próximo ao distante. Por sua vez, o conhecimento resultante do procedimento fenomenológico precisa ser verificado no indivíduo e no próximo.

O processo

No caminho do conhecimento fenomenológico, expomo-nos, dentro de um determinado horizonte, à diversidade dos fenômenos, sem escolher entre eles e nem avaliá-los. Esse caminho do conhecimento exige, portanto, um esvaziar-se, tanto em relação às idéias preexistentes quanto aos movimentos internos, sejam eles da esfera do sentimento, da vontade ou do julgamento. Nesse processo, a atenção é simultaneamente dirigida e não dirigida, centrada e vazia. A postura fenomenológica requer uma prontidão tensionada para a ação, sem passar, entretanto, à execução. Graças a essa tensão, tornamo-nos extremamente capazes e prontos para perceber. Quem a suporta percebe, depois de algum tempo, como a diversidade presente no horizonte se dispõe em torno de um centro e, de repente, reconhece uma conexão, uma ordem talvez, uma verdade ou o passo que leva adiante. Esse conhecimento provém igualmente de fora, é vivenciado como uma dádiva e é, via de regra, limitado.

O Trabalho com as Constelações Familiares

O que o procedimento fenomenológico possibilita e requer pode ser experimentado e descrito de modo especialmente marcante através do trabalho com as constelações familiares. Pois a colocação da constelação familiar é, por um lado, o resultado de um caminho do conhecimento fenomenológico e, por outro lado, o procedimento fenomenológico obtém resultado, quando se trata do essencial, apenas através da contenção e confiança na experiência e compreensão por ele possibilitadas.

O cliente

O que acontece quando um cliente coloca a sua família na psicoterapia? Em primeiro lugar, escolhe entre as pessoas de um grupo, representantes para os membros de sua família. Portanto, para o pai, para a mãe, para os irmãos e para si mesmo, não

importando quem ele escolhe para representar os diversos membros de sua família. Na verdade, é melhor ainda se escolher os representantes independentemente de aparências externas e sem uma determinada intenção. Isto já é o primeiro passo em direção a uma contenção e uma renúncia às intenções e velhas imagens.

Quem escolhe seguindo aspectos exteriores, por exemplo, idade ou características corporais não se encontra numa postura aberta para o essencial e invisível. Limita a força expressiva da colocação através de considerações externas. Com isso a colocação de sua constelação familiar já pode estar, para ele, talvez fadada ao fracasso. Por isso também não importa e algumas vezes é melhor que o terapeuta escolha os representantes e deixe o cliente configurar com estes a sua família. Porém, o que deve ser considerado é o sexo das pessoas escolhidas, isto é, que homens sejam escolhidos para representar os homens e mulheres para as mulheres.

Escolhidos os representantes o cliente coloca-os no espaço um em relação ao outro. No momento da colocação é de grande ajuda que ele os segure com ambas as mãos pelos ombros e assim em contato com eles os posicione em seu lugar. Durante a montagem permanece centrado, prestando atenção ao seu movimento interior, seguindo-o até sentir que o lugar para onde conduziu o representante seja o certo. Durante a colocação está em contato não somente consigo e com o representante, senão também com uma esfera, recebendo daí também sinais que o ajudarão a encontrar o lugar certo para essa pessoa. Prossegue assim com os outros representantes até que todos se encontrem em seus lugares. Durante este processo o cliente está, por assim dizer, esquecido de si mesmo.

Desperta deste esquecimento de si mesmo quando todos estão posicionados. Algumas vezes é de ajuda quando, em seguida, dá uma volta e corrige o que ainda não está totalmente certo. Senta-se, então. Podemos perceber imediatamente quando alguém não se encontra nesta postura de esquecimento de si mesmo e contenção. Por exemplo, quando prescreve para cada um dos representantes uma determinada postura corporal no sentido de uma escultura, ou quando monta a constelação muito depressa como se seguisse uma imagem preconcebida ou quando se esquece de colocar uma pessoa, ou quando declara que uma pessoa já está em seu lugar certo sem tê-la posicionado de modo concentrado.

Uma constelação familiar que não foi configurada deste modo concentrado termina num beco sem saída ou de forma confusa.

O terapeuta

O terapeuta precisa também se libertar de suas intenções e imagens a fim de que a colocação de uma constelação familiar tenha êxito. Na medida em que se contém e se expõe centrado à constelação, reconhece imediatamente se o cliente quer influenciá-lo através de imagens preconcebidas ou esquivar-se daquilo que começa a se mostrar. Então ele ajuda-o a se centrar e o conduz a um estado de disposição para que se exponha ao que está acontecendo. Se isso não for possível, pára com a colocação.

Os representantes

Exige-se também dos representantes uma contenção interna de suas próprias idéias, intenções e medo. Isso significa que eles devem observar exatamente as mudanças que se manifestam em seu estado corporal e seus sentimentos enquanto são colocados. Por exemplo, que o coração bate mais depressa, que querem olhar para o chão, que se sentem repentinamente pesados ou leves, ou estão com raiva ou tristes. É também de grande ajuda quando prestam atenção às imagens que emergem e que ouçam os sons e palavras que afloram.

Por exemplo, um americano que estava começando a aprender alemão, ouvia constantemente durante uma colocação familiar na qual ele representava um pai a sentença alemã: "Diga Albert". Mais tarde ele perguntou ao cliente se o nome Albert tinha algum significado para ele. "Mas é claro", foi a resposta, "é o nome do meu pai, do meu avô e Albert é o meu segundo prenome."

Uma outra pessoa que representava em uma constelação o filho de um pai que havia morrido em um acidente de helicóptero ouvia constantemente o ruído do rotor de um helicóptero. Certa vez este filho tinha sido o piloto de um helicóptero em que estava também o pai. O helicóptero caiu, mas os dois sobreviveram. Para que essa postura obtenha resultado são naturalmente necessárias uma grande sensibilidade e uma enorme prontidão para se distanciar de suas próprias idéias. E o terapeuta precisa ser muito cauteloso para que as fantasias dos representantes não sejam captadas como percepções. Tanto o terapeuta quanto os representantes podem escapar mais facilmente deste perigo quanto menos informações tiverem sobre a família.

As perguntas

A percepção fenomenológica obtém melhores resultados quando se pergunta só o essencial, diretamente antes da colocação familiar. As perguntas necessárias são:

- 1.. Quem pertence à família?
- 2.. Existem natimortos ou membros da família que morreram precocemente ? Houve na família destinos especiais, por exemplo deficientes?
- 3.. Um dos pais ou avós teve anteriormente um relacionamento firme, portanto, foi noivo(a), casado(a) ou teve de alguma forma um relacionamento longo e significativo?

Uma anamnese extensa dificulta, via de regra, a percepção fenomenológica tanto do terapeuta como também dos representantes. Por isso, o terapeuta recusa também conversas prévias ou questionários que vão além das perguntas mencionadas. Pelo mesmo motivo os clientes não devem dizer nada durante a colocação nem os representantes devem fazer perguntas de qualquer tipo para os clientes.

Centrar-se em si mesmo

Alguns representantes são tentados a extrair da imagem externa da constelação o que sentem em vez de prestar atenção à sua percepção corporal e ao seu sentimento interno imediato. Por exemplo, o representante de um pai dissera que se sentia confrontado pelos filhos porque estes tinham sido colocados à sua frente. Entretanto, quando prestou atenção ao seu sentimento interior imediato, percebeu que estava se sentindo bem. Ele se desviara de sua percepção imediata por causa da imagem externa. Algumas vezes, quando um representante sente algo que lhe parece indecoroso, não o menciona. Por exemplo, que ele, como pai, sente uma atração erótica pela filha. Ou uma representante não se arrisca a dizer que ela, como mãe, se sente melhor quando um de seus filhos quer seguir um membro da família na morte.

O terapeuta presta atenção, portanto, aos leves sinais corporais, por exemplo, um sorriso ou um retesamento, ou uma aproximação involuntária das pessoas. Quando comunica tais percepções os representantes podem verificar novamente a sua própria percepção. Alguns representantes fazem também afirmações amáveis porque pensam que com isso poderão ajudar ou consolar o cliente. Tais representantes não estão em contato com o que acontece e o terapeuta deve substituí-los por outros imediatamente.

Os sinais

Um terapeuta que não se mantém constantemente durante a situação inteira em sua percepção centrada, isto é, sem intenção e sem medo, é levado, muitas vezes através de

afirmações de primeiro plano a um caminho errado ou a um beco sem saída. Com isso os outros representantes ficam também inseguros. Existe um sinal infalível se uma colocação familiar está no caminho certo ou não. Quando começa a se perceber no grupo observador inquietação e a atenção diminui, a colocação não tem mais chance. Nesse caso, quanto mais depressa o terapeuta interromper o trabalho tanto melhor.

A interrupção permite a todos os participantes concentrar-se novamente e depois de algum tempo recomeçar o trabalho. Algumas vezes o grupo observador também apresenta sugestões que levam adiante. Entretanto isto deve ser apenas uma observação. Se tentarem somente adivinhar ou interpretar, isso aumenta a confusão. Então o terapeuta também deve parar a discussão e reconduzir o grupo à concentração e seriedade.

A abertura

Tratei minuciosamente destas formas de procedimento e dos obstáculos que podem surgir a fim de por limites às colocações feitas levianamente. Senão o trabalho com as constelações familiares pode cair facilmente em descrédito. Alguns procedem de outra forma nas constelações familiares. Se isso ocorrer a partir de uma atenção centrada pode obter bons resultados. Entretanto, se ocorrer somente por uma necessidade de delimitação ou para ganhar prestígio a abertura fenomenológica fica limitada devido às intenções.

A melhor forma de adquirir prestígio é quando se tem novas percepções que podem ser comprovadas pelos resultados e nas quais se deixa também outros participarem. Se, entretanto, a delimitação segue idéias teóricas ou é influenciada por intenções e medos que se recusam em concordar com a realidade que se mostra, isto leva à perda da prontidão para apreender, com as respectivas conseqüências para o efeito terapêutico. Se a colocação da constelação familiar for feita só por curiosidade ela perde a sua seriedade e força. Restam, então, do fogo talvez apenas as cinzas e do vestido apenas a cauda.

O início

De volta agora ao trabalho com as constelações familiares. A questão que o terapeuta deve decidir, em primeiro lugar, é:

Coloco a família atual ou a de origem?

Deu bons resultados começar com a família atual. Pois, dessa maneira, pode-se colocar mais tarde aquelas pessoas da família de origem que ainda agem fortemente na família atual. Obtém-se assim uma imagem em que as influências que sobrecarregam e curam através das várias gerações ficam visíveis e podem ser sentidas. Unicamente quando os destinos da família de origem são especialmente trágicos é que se começa com a família de origem.

A próxima pergunta é:

Com quem começo a colocação?

Começa-se com o núcleo familiar, portanto, pai, mãe e filhos. Se existe um natimorto ou uma criança que morreu precocemente, coloca-se esta criança mais tarde para poder ver qual o efeito que tem na família quando está à vista. A regra é começar com poucas pessoas, deixar-se conduzir por elas e desenvolver passo a passo a constelação.

O procedimento

Quando a primeira imagem é configurada dá-se ao cliente e aos representantes um pouco de tempo para que se exponham à ela, deixando-a atuar. Muitas vezes os representantes começam a reagir espontaneamente, por exemplo, começam a tremer ou chorar ou abaixam a cabeça, respiram com dificuldade ou olham com interesse ou apaixonadamente para alguém. Alguns terapeutas perguntam aos representantes muito

depressa como eles estão se sentindo, impedindo ou interrompendo dessa maneira este processo.

Quem faz perguntas aos representantes apressadamente, utiliza este procedimento facilmente como substituto para a sua própria percepção, tornando os representantes inseguros também. O terapeuta deixa, em primeiro lugar, a imagem atuar também sobre ele. Frequentemente vê imediatamente qual a pessoa que está mais carregada ou em perigo. Se, por exemplo, ela foi colocada de costas ou de lado, o terapeuta vê que ela quer partir ou morrer. Apenas precisa, sem perguntar nada a ninguém, dirigi-la uns poucos passos à frente na direção em que está olhando e prestar atenção ao efeito que esta mudança provoca nela e nos outros representantes.

Ou se todos os representantes olham para uma mesma direção o terapeuta sabe, imediatamente, que alguém deve estar na frente deles: uma pessoa que foi esquecida ou excluída. Por exemplo, uma criança que morreu precocemente ou um noivo anterior da mãe que morreu na guerra. Então ele pergunta ao cliente quem poderia ser e coloca a pessoa no quadro antes que qualquer um dos representantes tenha dito algo.

Ou quando a mãe está cercada pelos filhos dando a impressão de que eles estão impedindo a sua partida, o terapeuta pergunta ao cliente imediatamente: O que aconteceu na família de origem da mãe que possa esclarecer esta atração por partir. Então ele procura, em primeiro lugar, um alívio e solução para a mãe antes de continuar a trabalhar com os outros representantes.

O terapeuta desenvolve, portanto, os próximos passos a partir da colocação inicial e busca informações adicionais do cliente para o próximo passo, sem fazer ou perguntar nada além do que ele precise para este passo. Com isso a constelação mantém a concentração no essencial e a sua especial densidade e tensão. Cada passo desnecessário, cada pergunta desnecessária, cada pessoa adicional que não seja necessária para a solução diminui a tensão e desvia a atenção das pessoas e dos acontecimentos importantes.

Constelações familiares densas

Frequentemente é suficiente colocar somente dois representantes, por exemplo, a mãe e o filho com aids. O terapeuta nem precisa então dar maiores instruções. Deixa os representantes seguir os movimentos que resultam do campo de forças entre eles, entretanto sem nada dizer. Assim ocorre um drama mudo, no qual vem à luz não somente os sentimentos das pessoas participantes mas também emerge um movimento que mostra quais os passos que são possíveis ou adequados para ambos.

O espaço

Aqui se apresenta o mais surpreendente efeito da postura fenomenológica e sua forma de procedimento. A contenção centrada do terapeuta e do grupo participante cria o espaço no qual relacionamentos e emaranhamentos vêm à tona. Eles se movimentam em direção à uma solução dando a impressão de que os representantes são movidos por uma força poderosa exterior.

Esta força serve-se deles e deixa parecer muitas das usuais suposições psicológicas e filosóficas insuficientes e falhas.

A participação

Em primeiro lugar vê-se que existe obviamente um conhecimento através da participação. Os representantes comportam-se e se sentem como as pessoas que representam embora nem eles nem o terapeuta possuam informações prévias que vão além dos fatores e acontecimentos externos mencionados anteriormente. Muitas vezes o cliente fica estupefato que os representantes expressam as mesmas coisas que conhece das pessoas

reais ou que mostram os mesmos sentimentos e sintomas que as pessoas reais têm. Por isso pode-se concluir que os membros reais da família também possuem este conhecimento através da participação de modo que nada de significativo permanece oculto à sua alma.

Há pouco tempo uma conhecida de uma mulher relatou que o seu pai era judeu e que tinha ocultado este fato de seus filhos, batizando-se. Ela tomara conhecimento disto pouco antes de sua morte. Nesta oportunidade soube também que o pai tinha ainda duas irmãs que haviam morrido em um campo de concentração. Esta mulher tivera muitas profissões, uma atrás da outra. Primeiro tinha sido uma camponesa, depois foi restauradora de velhos móveis antes de escolher a sua atual profissão de terapeuta. Quando então pesquisou sobre as circunstâncias da vida de suas duas tias mortas veio à tona que uma delas administrara uma fazenda e a outra uma loja de antigüidades. Sem ter conhecimento isto tinha seguido as duas através de suas profissões, ligando-se desse modo a elas.

O campo de forças

O esclarecimento para isso permanece um mistério. Rupert Sheldrake provou através de observações e muitas experiências que cães demonstram através de seu comportamento que sentem imediatamente quando seu dono ou dona que estão ausentes se põem a caminho de casa e que percebem imediatamente quando este caminho é interrompido. Sentem também, algumas vezes, através dos continentes. Portanto, deve existir um campo de forças através do qual ambos estão diretamente ligados.

Os mortos

Nas constelações familiares torna-se ainda mais evidente através do comportamento dos representantes e com isso, naturalmente, através do comportamento e dos destinos dos membros reais da família que eles estão ligados às pessoas que já faleceram há muito tempo. Como poder-se-ia de outra forma ser esclarecido que numa família, durante os últimos 100 anos, três homens de várias gerações tenham se suicidado com 27 anos de idade no dia 31 de dezembro e pesquisas revelaram que o primeiro marido da bisavó tinha falecido com 27 anos no dia 31 de dezembro e tinha sido provavelmente envenenado pela bisavó e seu segundo marido?

A alma

Aqui atua mais do que um campo de forças. Aqui atua uma alma comum que liga não somente os vivos mas também os membros falecidos da família. Esta alma abarca somente certos membros familiares e nós podemos ver pelo alcance de sua atuação quais os membros da família que foram por ela abrangidos e tomados a seu serviço.

Começando pelos descendentes são os seguintes:

- 1.. os filhos, inclusive os natimortos e os falecidos,
- 2.. os pais e seus irmãos,
- 3.. os avós,
- 4.. algumas vezes ainda um ou outro avô ou avó e também ancestrais que estão ainda mais longe
- 5.. todos - e isto é especialmente significativo - aqueles que deram lugar para a vantagem dos membros mencionados anteriormente, principalmente parceiros anteriores dos pais ou avós, e todos aqueles que através de sua infelicidade ou morte a família teve vantagem ou lucro.
- 6.. as vítimas de violência ou morte causadas por membros anteriores dessa família.

Sobre os dois últimos grupos mencionados gostaria de comunicar o que experiências recentes trouxeram à luz. Nas colocações das constelações familiares de descendentes de pessoas que acumularam uma grande riqueza, chamou-me a atenção que

netos e bisnetos têm tido destinos terríveis que não podem ser entendidos somente pelos acontecimentos dentro da família.

Somente depois que as vítimas cuja morte ou infelicidade havia sido o preço para esta riqueza foram colocadas na constelação veio à tona a extensão da atuação dos destinos destas pessoas na família. Exemplos para estes casos: trabalhadores que morreram na construção de ferrovias ou sondagens de petróleo, cuja contribuição para a riqueza e bem-estar dos industriais não tinha sido reconhecida e valorizada. Em muitas colocações de descendentes de assassinos, por exemplo, agressores nazistas do 3º Reich pôde-se ver que os netos e bisnetos queriam se deitar junto às vítimas e com isso corriam extremo risco de se suicidar.

A solução para ambos os grupos era a mesma. As vítimas devem ser vistas e respeitadas por todos os membros da família. Todos devem reverenciá-las, inclinando-se diante delas, sentir tristeza e chorar por elas. Depois disso, os ganhadores e agressores originais devem se deitar ao lado das vítimas e os outros membros da família devem deixá-los aí. Só assim os descendentes ficam livres. Aqui fica evidente que os membros da família se comportam como se tivessem uma alma comum e como se fossem chamados a serviço por uma instância comum preordenada e como se esta instância servisse uma certa ordem e seguisse um certo objetivo.

O amor

Em primeiro lugar podemos ver que a alma liga os membros da família uns aos outros. Isso vai tão longe que a alma de uma criança anseia seguir na morte o pai que morreu cedo ou a mãe que morreu cedo. Pais ou avós também desejam às vezes seguir na morte um(a) filho(a) ou um(a) neto(a). Podemos observar esse anseio também entre parceiros. Se um deles morre o outro freqüentemente também não quer mais viver.

O equilíbrio

Em segundo lugar, podemos ver que existe em uma família uma necessidade de equilíbrio entre o ganho e a perda que abarca várias gerações. Isto é, os que ganharam às custas de outros pagam com uma perda compensando assim o que ganhou. Ou, se no caso dos ganhadores se tratarem de agressores, geralmente não são eles que pagam, senão os seus descendentes. Estes são escolhidos pela alma da família para compensar no lugar de seus antecedentes, freqüentemente sem que tenham consciência disso.

A precedência dos antecedentes

A alma da família, portanto, dá preferência aos antecedentes em relação aos descendentes, sendo este o terceiro movimento ou a ordem que a alma da família segue. Um descendente ou está disposto a morrer por um antepassado se achar que com isso pode evitar a morte dele ou está disposto a expiar a culpa pendente de um membro familiar anterior. Ou uma filha representa a mulher anterior de seu pai e se comporta em relação ao pai como se fosse a sua parceira e como rival em relação à mãe. Se a mulher anterior foi injustiçada, então a filha apresenta os sentimentos dessa mulher perante os pais.

A totalidade

Aqui podemos ver também o quarto movimento e a ordem que a alma da família segue. Ele vela para que a família esteja completa e restaura a sua totalidade com o auxílio de descendentes para representar os que foram esquecidos, rejeitados ou excluídos. Resumi aqui, de modo sucinto, os movimentos da alma da família, as leis e as ordens que ela segue. Eu os descrevo minuciosamente em meu livro "Die Mitte fühlt sich leicht an" ("No centro sentimos com leveza") nos capítulos "Culpa e Inocência em Sistemas", "Os Limites da Consciência" e "Corpo e Alma, Vida e Morte" assim como em meu livro "Ordnungen der

Liebe" ("As Ordens do Amor") no capítulo "Do Céu que provoca Doenças e da Terra que cura".

As soluções

As questões são as seguintes:

Como o terapeuta encontra uma solução para o cliente?

O que é aqui o procedimento fenomenológico?

Ele vai do próximo ao distante e do estreito ao amplo. Isto é, em vez de olhar somente para o cliente o terapeuta olha para a sua família e, em vez de olhar somente para o cliente e sua família ele olha para além deles, para um campo de forças e para a alma que os abarca. Pois é evidente que o indivíduo e sua família estão integrados em um campo de forças maior e em uma grande alma e são usados e tomados a seu serviço.

Da mesma forma que o reconhecimento do problema e as soluções possíveis só surgem frequentemente através da ligação com algo maior. Por isso se quero ajudar a alma do cliente eu a vejo governada pela alma da família. Mas se olhar aqui somente para o cliente e sua família, reconheço, talvez, as ordens e leis que levam a emaranhamentos. Entretanto, somente apreendo onde estão as soluções se encontro um acesso ao campo de forças e dimensões da alma que ultrapassam o indivíduo e a sua família.

Não podemos influenciar estas dimensões da alma. Nós podemos somente nos abrir. Porque quando se tratar de algo decisivo, a compreensão das imagens, frases e passos que solucionam e curam nos será presenteada por esta alma. O terapeuta abre-se para a atuação desta grande alma através do recolhimento total de suas intenções e sua consideração pelo que ele talvez receie, inclusive o receio de fracassar. Então surge repentinamente uma imagem ou uma palavra ou uma frase que lhe possibilita dar o próximo passo. No entanto é sempre um passo no escuro.

Apenas no final é que se releva se foi o passo certo que inverte a necessidade. Através da postura fenomenológica entramos, portanto, em contato com estas dimensões da alma. Isto é, mais através da não-ação centrada do que através da ação. Através de sua presença centrada o terapeuta ajuda também o cliente a adquirir esta postura, a compreensão e a força que daí advêm. Muitas vezes o cliente não agüenta esta compreensão e se fecha a ela novamente. O terapeuta também concorda com isso, através de seu recolhimento. Também aqui ele não se deixa envolver nem através de uma reivindicação interna nem externa no destino do cliente e de sua família.

Pode parecer duro, mas o resultado da experiência mostra que cada compreensão que foi presenteada desta forma é incompleta e temporária, tanto para o terapeuta quanto para o cliente.

Retorno, no final, ao começo " à diferença entre o caminho do conhecimento científico e do fenomenológico". Eu a sintetizei num poema que escrevi já há alguns anos atrás. Ele se chama:

Duas maneiras de saber

Um erudito perguntou a um sábio,
como as partes se unem num todo
e como o saber sobre as muitas partes
se diferencia do saber sobre o todo.

O sábio respondeu:

O disperso se agrega num todo

quando encontra seu centro
e passa a atuar.

Pois só tendo um centro, o muito torna-se Essencial
e real,
e o todo então se nos revela como algo simples,
quase como pouco,
como força serena que segue adiante,
uma força que tem peso
e está contígua àquilo que sustenta.

Assim, para conhecer
ou transmitir o todo,
não preciso
saber,
dizer,
ter,
fazer
tudo em detalhe.

Quem quer entrar na cidade
passa por uma única porta.
Quem dá uma badalada num sino
faz retinir, com esse único som, muitos outros.
E quem colhe a maçã madura
não precisa averiguar a sua origem.
Ele a segura na mão
e a come.

O erudito não concordou: quem quer a verdade,
tem que conhecer também todos os detalhes.

Mas o sábio contestou.
Sabe-se muito apenas sobre a verdade que nos foi legada .
A verdade que leva adiante
é nova,
e ousada.

Pois ela contém o seu fim
assim como, uma semente, a árvore.
Portanto, aquele que ainda hesita em agir,
porque quer saber mais
do que lhe permite o próximo passo,
não aproveita o que atua.
Ele toma a moeda
pela mercadoria,
e transforma em lenha

as árvores.

O erudito acha
que essa só pode ser uma parte da resposta
e pede-lhe
um pouco mais.

Mas o sábio se recusa,
pois o todo é, no princípio, como um barril de mosto:
doce e turvo.
E precisa fermentação durante um tempo suficiente,
até ficar claro.
Então, aquele que o bebe em vez de degustá-lo,
passa a cambalear embriagado